

# A INCLUSÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Josiany Regina Lima Magalhães<sup>1</sup>  
Sidneis Ferdinando Biazoto<sup>1</sup>  
Jaqueline Mendes da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo teve como objetivo identificar como ocorria a inclusão dos deficientes físicos nas aulas de Educação Física no 5º ano do ensino fundamental I, ideia essa que surgiu a partir da nossa experiência de estágio II como disciplina do curso de Educação Física em que havia nessa escola uma aluna com deficiência física e que quase sempre ficava apenas observando as aulas com a sua TDEE (Técnica de Desenvolvimento Educacional Especializado). Para a nossa pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa que dá mais importância com as ações e experiências dos sujeitos observados do que com resultados do processo. Observamos uma aula geminada de Educação Física com duração de duas horas em que estava previsto que observássemos 1(um) mês de aulas de Educação Física mais devido alguns acontecimentos que explicaremos no corpo do trabalho, conseguimos observar apenas um dia de aula, além da observação fizemos uma entrevista semiestruturada Com a professora de Educação Física com perguntas a respeito do assunto, a professora soube responder todas as perguntas com clareza. Com o nosso estudo podemos concluir que a professora procura incluir os alunos com deficiência física, apesar das dificuldades que as vezes encontra em planejar aulas inclusivas, ela procura sempre pesquisar e buscar novos conhecimentos para poder proporcionar uma aula com qualidade para os alunos. A pesquisa foi muito importante não só para nós, mas, também para as escolas onde passamos, fez com que refletíssemos a respeito do assunto para então podermos pensar em uma nova proposta pedagógica.

**Palavras-chave:** Professor de Educação Física, deficiente físico e inclusão.

## INTRODUÇÃO

*“Temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. As pessoas querem ser iguais, mas querem respeitadas suas diferenças. Ou seja, querem participar, mas querem também que suas diferenças sejam reconhecidas e respeitadas” (Boaventura de Souza Santos)*

O estudo teve o intuito de identificar como ocorria a inclusão de deficientes físicos nas aulas de Educação Física no 5º ano do ensino fundamental I. A ideia da pesquisa surgiu a partir das nossas vivências oportunizadas pela disciplina de Estágio II: Ensino Fundamental I, que fizemos em uma escola municipal de Cuiabá. A partir dessa experiência, observamos uma aluna com deficiência física, que durante as aulas práticas de Educação Física sempre ficava realizando atividades diferenciadas daquelas realizadas pelos demais alunos considerados não

---

<sup>1</sup> - Acadêmicos do curso de Educação Física do Univag.

<sup>2</sup> - Professora Ms<sup>o</sup> Jaqueline Mendes da Silva do curso de Educação Física do Univag.

deficientes. A partir dessa situação, ficávamos nos perguntando: Por que ela não participa junto com os demais alunos? Será que esta prática é constante na escola? Será que existem dois planos de aula como se fossem duas turmas?

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo identificar como ocorre a inclusão dos deficientes físicos nas aulas de Educação Física do ensino fundamental I. Para tanto, fez-se necessário à construção de algumas perguntas que norteasse o nosso estudo, como por exemplo, como ocorre a inclusão dos deficientes físicos nas aulas de Educação Física? Como acontecem as aulas? Será que existe algum tratamento diferenciado com o aluno deficiente?

Assim esse estudo é importante, pois possibilitará ao professor repensar sua prática pedagógica. Conforme Brasil (1996) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, para a educação dos alunos com deficiência é preciso ter profissionais capacitados que tenham Ensino Médio ou até mesmo Ensino Superior para lidar com suas particularidades, assim como professores capacitados para integrá-los no ensino escolar e, estes devem criar métodos, currículos, técnicas, procurar objetos educativos e ter uma organização, um planejamento que possam atender a todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência garantindo a sua participação no ensino regular.

A pessoa com deficiência é uma pessoa como qualquer outro cidadão tendo os mesmos direitos e deveres perante a sociedade, o que acontece é que existe uma alteração física nata do indivíduo ou decorrente de algum acontecimento no percurso de sua vida e assim como qualquer ser humano é necessário que seja estimulado, que experimente e vivencie coisas novas para que aos poucos aconteça o seu desenvolvimento. (BERSCH e MACHADO, 2007)

Strapasson e Carniel (2007) o professor é uma das bases da Educação, pois todas as pessoas, os profissionais passam por ele e para que transmita seus conhecimentos e ensine pessoas é preciso buscar sempre novos conhecimentos, inovar, ser criativo para que assim possa ser capaz de atender a todos não importando com suas características.

Ainda de acordo com os autores supracitados a prática do movimento corporal que a Educação Física proporciona com as aulas, contribui com o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afetivo dos alunos; sendo assim de extrema importância para o desenvolvimento da criança, inclusive das crianças com deficiências. Diz também que a Educação Física é muito importante para os alunos com deficiência, pois desenvolve o aspecto motor, intelectual e afetivo, em que o professor por meio das suas atividades propostas procura tratá-los de maneira igual e aumentar a sua autoestima através das atividades executadas e da inclusão.

Bersch e Machado (2007) relata que deficiência física é a alteração de alguma estrutura do corpo que dificulta a função física. É importante e necessária a identificação do tipo de deficiência que está presente no indivíduo para que a partir disso possam ser tomados os devidos cuidados e adaptações e também verificar se existe apenas um tipo de deficiência, porque como sugeri a autora supracitada às vezes uma deficiência acaba acarretando em outro(s) comprometimento(s). A autora afirma também que o deficiente não é incapaz, cada pessoa tem a sua maneira de realizar determinada atividade e assim, como qualquer pessoa é necessário que faça uma pequena adaptação para que seja efetivada a atividade. A incapacidade do aluno não está para alguma restrição do corpo, do seu organismo, mas, para a junção das funções corporais, do ambiente em que vive, das suas maneiras, costumes e da forma com que esta habituado a viver. A criança com deficiência assim como qualquer criança, precisa movimentar-se, experimentar e desenvolver-

se, precisa conhecer e identificar os sentidos, o seu corpo; ter oportunidade e vivência de coisas novas para que dessa maneira possa aos poucos ocorrer o aprendizado.

De acordo com Darido e Junior (2007) as pessoas com deficiência sempre foram vistas como doentes e incapazes, sempre ocupando uma posição de desvantagem, em que as pessoas viam como alvo de caridade achando que eles não têm capacidades de realizarem tarefas da vida cotidiana tendo um olhar de “pena” e não enxergando-os como sujeitos de direitos sociais como qualquer outro cidadão. Dentre eles o direito à educação, inclusive direito a participar da Educação Física e também dos esportes.

Os autores supracitados ainda relatam que é de grande importância a construção de uma sociedade inclusiva e para que isso aconteça é preciso que as pessoas aceitem as diferenças e as individualidades um do outro, dando o acolhimento a diversidade cultural e garantindo o acesso de todos no espaço comum da vida em sociedade; ter um esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento. Dentro dessa sociedade inclusiva, estar aberto para aprender um pouco mais sobre si mesmo e também sobre os outros em situações de diversidade de ideias, sentimentos e ações. Por mais que percebemos o esforço que a sociedade brasileira tem feito no sentido da inclusão, é visível que ainda não há oportunidades e nem o acolhimento com qualidade de todos os indivíduos.

A criança com deficiência que esta inserida no âmbito escolar consegue desenvolver-se e descobrir novas habilidades a partir do empenho, das inovações, das adequações e acessibilidade que o professor e o ambiente escolar lhes oferecem. (BERSCH e MACHADO, 2007).

Segundo Ferreira (2006) muitas vezes fala-se em escola inclusiva, mas na realidade pouco tem sido feito para mudar a realidade destas pessoas com deficiência. Estas pessoas muitas vezes não são entendidas pela sociedade. Ferreira (2006, p.63) ainda relata que:

Faz-se necessário, urgentemente uma reflexão a respeito dos aspectos gerado na escola e na própria sala de aula, que contribuem com a exclusão ou com a inclusão dos alunos no sistema educacional, sem nunca esquecer que os excluídos da escola, geralmente, também são os mesmos que sofrem do processo de exclusão social.

Serra (2008) relata, para que ocorra a inclusão é preciso repensar em nossas atitudes, em nossa maneira de olhar os deficientes, mudar o currículo, garantindo uma educação de qualidade para todos sem diferença. Muitas escolas e instituições pensam que receber e matricular alunos com deficiência já estão promovendo a inclusão só que a inclusão está em promover o desenvolvimento e aprendizado do aluno, é preciso que o deficiente participe no ambiente escolar, das atividades escolares e que não só fique nesse ambiente escolar pela convivência social.

A autora supracitada afirma que, para muitas pessoas, inclusão social e integração social tem o mesmo significado, mas não é assim porque a integração social está associada na introdução e adaptação do ambiente para o aluno com deficiência, e já a inclusão é muito mais do que isso, esta relacionado à adaptação do ambiente, mudança de atitudes dos educadores dentre outras atitudes a serem mudadas. Para a autora ao se tratar de uma educação inclusiva é preciso pensar em três elementos: o sujeito incluído, professor e a família, pois precisamos pensar sobre o que queremos para o aluno, construir novos saberes para os professores,

juntamente com a família que também sofre com o processo de exclusão quando se tem um filho com deficiência.

Vomero (2013) afirma que para o professor a experiência de conviver com deficientes físicos dá-lhe uma chance de repensar suas aulas, e que estas venham a atender os interesses de todos os que na escola estão.

Ao incluir alunos com deficiência, a instituição escolar muda sua perspectiva de mundo, ajuda professores a repensarem seu papel e contribui para a construção de uma nova geração - aquela que sabe que, entre as diferenças, todos somos iguais. (VOMERO, 2013 p.37)

Outro teórico que relata sobre essa experiência do professor com o aluno com deficiência é Silva (2008) que defende a ideia de que é importante que o professor tenha criatividade nas aulas a serem aplicadas, para que assim esta possa contribuir com a inclusão e o processo de ensino aprendizagem, respeitando a diversidade e ajudando a construir uma educação de qualidade. Silva (2008, p.46) ainda acrescenta que "O pressuposto central que nos serve de ponto de partida é que não há inclusão sem criatividade". E segundo Serra (2008), é importante a formação de professores capacitados para atender os alunos com deficiência, mas o que acontece é que os professores interessados no assunto que tinha que correr atrás de se capacitar e procurar saber do assunto para trabalhar na área e o que acontece é que a procura dos alunos com deficiência à escola chega primeiro que a qualificação profissional os professores que acabam por se capacitarem na prática junto ao aluno com deficiência. A autora relata também ser muito importante a prática pedagógica adequada para tal deficiência no desenvolvimento deste aluno e isso o professor só consegue com o referencial teórico e pedagógico adequado para a área.

Para Bersch e Machado (2007) o professor precisa ajudar para que haja condições de acessibilidade e de oportunidade, assim os alunos com deficiência terão menos vergonha e restrição em relação às aulas e uma maior participação ativa das atividades propostas. Dessa maneira aumentando a capacidade de desenvolvimento dos alunos e diminuindo suas dificuldades, dando acesso ao ambiente para que o aluno com deficiência possa ser incluído, pois todos devem ser tratados igualmente porque somos todos iguais mesmo com as diferenças. O deficiente deve ser tratado de forma mais natural possível como qualquer característica individual de cada um.

Segundo Darido e Rangel (2008) quando os alunos com deficiência são incluídos no ensino eles esperam ser bem recebidos pelos novos colegas e quando se tem um professor que apoia, estimula, valoriza, acolhe e promove o estudante de forma que incentive este aluno a buscar novos desafios fazendo com que eles sintam-se capazes, fazendo-os sentirem que tem alguém que acredita e que passa confiança a eles, sentindo uma maior segurança. Todos os alunos precisam ouvir de seu professor "você pode!" o que não precisa necessariamente ser expresso por palavras, mas por atitudes de ajuda efetiva. Pelo lugar que ocupa, o professor tem grande influência sobre seus alunos, um professor que não acredita que seu aluno possa aprender acaba por convencê-lo disso, mesmo que não se manifeste explicitamente mais suas expressões podem conter mensagem que dizem muito aos alunos.

Sendo assim Ferreira (2006) nos relata que um aluno com deficiência física que não tenha uma devida estimulação no movimento do corpo por meio da Educação Física não consegue ter uma relação com a sociedade e com a realidade

do seu cotidiano ficando cada vez mais a margem da sociedade, pois eles mesmos se excluem da vida social por não ter sua autoconfiança estimulada pelas pessoas que estão próximas como os familiares e amigos e a própria comunidade, que muitas vezes os excluem e isto faz com que estas pessoas com deficiência acabam se isolando do convívio social, do seu fazer cotidiano como ir a escola ou relacionar-se com as próprias crianças de sua idade para uma brincadeira de rua que é normal, mas para um deficiente físico há muitas barreiras que tem que ser vencida por ele pela sua deficiência e muitas vezes pelo preconceito da sociedade, que pensa se uma pessoa que nasceu deficiente física ou que venha ser deficiente físico por um acidente ou doenças que estas não tenha a capacidade de realizar certas tarefas, provavelmente terá certas restrições mas nada que os impeça de fazer dentro dos seus limites certas atividades físicas com as devidas adaptações, podem fazer atividades que as pessoas "ditas normais" fazem como correr, praticar esportes, jogar basquete, entre outras atividades físicas, desde que tenha um profissional responsável que tenha o mínimo de conhecimento sobre estas pessoas com deficiências, pois sabemos que mesmo as pessoas que não tenham deficiências terão certas dificuldades em realizar determinadas tarefas.

Para o nosso objetivo fizemos uso da observação sistemática de uma aula. Utilizamos durante a observação o caderno de campo para realizar as anotações das aulas de Educação Física, bem como máquina fotográfica e filmadora para registrar cada momento. Além da observação, fizemos também uso de uma entrevista semiestruturada com a professora de Educação Física.

## **METODOLOGIA**

Para nosso estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, que segundo afirmam Bogdan e Biklen (1994), nesta abordagem o investigador preocupa-se com as ações dentro do ambiente observado dando mais importância para o processo de observação das experiências dos sujeitos do que para os resultados do processo.

Ao se tratar da investigação qualitativa Bogdan e Biklen (1994) relatam que nesse processo é preciso que haja o envolvimento do investigador dentro do ambiente observado/investigado para que assim possa ter resultados através de observações espontâneas do indivíduo, pois é preciso que os sujeitos estejam à vontade para expressarem seus gestos e sentimentos de modo que sejam verdadeiros em seu pensamento. Tendo dessa forma várias possibilidades metodológicas para o resultado da pesquisa, com a entrega do investigador para o ambiente analisado.

Num primeiro momento tivemos dificuldade em encontrar uma escola que nos aceitasse para a realização da pesquisa. Percorremos diversas escolas de Várzea Grande e Cuiabá na expectativa que uma nos aceitasse. Algumas escolas chegaram a nos relatar que não nos aceitava porque os alunos não participavam das aulas de Educação Física, ou também não tinha um professor de Educação Física na escola. Até por fim, encontramos a escola na qual realizamos a pesquisa. Fomos à mesma e conversamos com a diretora da escola que nos aceitou e disse que a nossa pesquisa era muito importante e que a escola estaria a nossa disposição, depois conversamos com a professora que também nos aceitou e em seguida conversamos com a mãe da aluna que também aceitou que observássemos a filha dela. A mesma assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que entregamos, juntamente com a professora de Educação Física. Dessa forma, este estudo teve como locus uma Escola da Rede Municipal de Cuiabá.

Após a definição do lócus e dos sujeitos da pesquisa a professora de Educação Física e a aluna com deficiência física, iniciamos a nossa coleta de dados, que tinha num primeiro momento a intenção de observar 8 (oito) aulas de Educação Física. Mas novamente nos deparamos com um problema, primeiro a aluna com deficiência física adoeceu e nas aulas dos dias 15 e 22 de maio não compareceu a escola. Já a observação que seria realizada no dia 29 de maio também não ocorreu porque a professora estaria acompanhando uma turma em uma apresentação de dança fora da escola. Dessa forma, neste estudo, conseguimos observar apenas 2 (duas) aulas geminadas de Educação Física que ocorreu no dia 05 de junho de 2014. Após realizada a observação, marcamos uma entrevista com a professora de Educação Física aqui denominada como D. I. A entrevista escolhida foi a semiestruturada que segundo Bogdan e Biklen (1994) a entrevista parte de uma conversa informal fazendo com que o entrevistado fique a vontade e de resposta de acordo com o seu ponto de vista e faz com que o entrevistador possa analisar a resposta do entrevistado.

O tipo de análise que utilizamos foi a de redução proposta por Bogdan e Biklen (1994) que fala que a partir de todos os dados coletados para a pesquisa na observação é preciso uma organização desses dados por categorias para que a partir daí possa chegar a uma hipótese, como se fosse um funil com uma grande quantidade de coisa que precisa passar por espaço muito estreito refinando o que será utilizado e fazendo uma análise minuciosa de cada detalhe dos dados coletados.

## **ANÁLISE DE DADOS**

### **O Dia da Inclusão na Observação**

A aluna que fez parte deste estudo possui 10 anos de idade e sua deficiência física congênita se encontra nas pernas amputadas, a mesma usa próteses nas duas pernas, sendo que a perna direita dela tem uma leve flexão, porém, a perna esquerda não flexiona, além dessa deficiência física nas pernas, a mesma ainda possui apenas três dedos na sua mão direita, o polegar, o indicador e o dedo mínimo. Ficou evidente na observação que mesma possuindo essa deficiência a aluna F. P. era muito alegre, e não demonstrou dificuldade de interação com os demais colegas de sala e com a professora.

A aula observada ocorreu no dia 05 de maio de 2014 e teve início às 15h15, e se estendeu até às 17h. Ela começou no espaço da sala de aula mesmo. A professora escolheu como primeira atividade a ser realizada na sala uma atividade de roda cantada, em que todos permaneciam sentados cantando e batendo palmas. Logo em seguida a professora fez uma variação da brincadeira, em que os alunos não ficavam mais sentados, e sim em pé, em que cantavam a mesma música *iô iô iô uam na na na iô, juliana na na iô ta bobo, bobo!* Quando se falava o nome de algum aluno, este tinha que se abaixar e os dois alunos que estavam ao seu lado dentro do círculo batiam duas palmas por cima deste aluno e assim seguiu a atividade até que fosse dito o nome de todos os alunos.

Na terceira atividade a professora levou os alunos para quadra. O acesso à mesma era difícil a alunos com deficiências físicas, já que a mesma possuía uma rampa que exigia um controle maior do corpo para sua descida e subida. Já em quadra a professora reuniu todos os alunos e expôs como seria a brincadeira e dividiu a turma em duas equipes em números iguais, onde uma equipe foi identificada com coletes. A brincadeira era de faz de conta, nomeada como "polícia e bandidos". Uma equipe era composta por policiais e a outra por bandidos. Os

policiais ficavam responsáveis pela delegacia e por capturar os bandidos, entre os policiais havia um delegado, e para este cargo, a aluna com deficiência se prontificou a ocupá-lo e, os colegas policiais aceitaram numa boa a escolha. Então, ao sinal da professora os policiais tinham um determinado tempo para capturar os bandidos que haviam se escondido enquanto eles permaneciam de olhos fechados e em círculo abraçados. Após o tempo determinado para a captura os papéis se invertiam no jogo de faz-de-conta. Sagrava-se campeã a que conseguisse capturar mais bandidos no tempo estipulado pela professora.

Na quarta atividade foi feito base quatro onde era marcada por tempo, qual equipe conseguia fazer todo o percurso em um menor tempo. A base quatro é composta por duas equipes, onde o espaço foi demarcado com cones. Nesta atividade a menor deficiente aqui identificada por F. P. começou jogando a bola para sua equipe, ela por não conseguir correr usou como estratégia lançar a bola o mais longe possível e com isto ela conseguia avançar as bases, até a bola chegar ao adversário, que era quando a mesma não poderia mais avançar. No seu primeiro lançamento, ela conseguiu avançar duas bases, mas nos outros arremessos dos colegas, a mesma ficava atenta para avançar mais bases. Assim, mostrou que conseguia mesmo com sua deficiência realizar as atividades solicitadas com as mesmas regras. Precisamos ressaltar a atitude dos colegas que sempre respeitaram a diferença da colega.

Segundo Soler (2002) são grande os benefícios quando se trabalha de maneira ampla os alunos com deficiência juntos aos sem deficiência, pois o aluno desenvolve sua capacidade afetiva, perceptiva e social contribuindo com a formação de um aluno integral e ainda fornecendo ensinamentos que seja um aluno com autonomia e independente.

Ferreira (2006, p.22) nos apresenta as capacidades desenvolvidas na convivência dos alunos com e sem deficiência:

Sejam capazes de participar de atividades corporais estabelecendo relações equilibradas e construtivas com as outras pessoas, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais.

### **A inclusão na visão da professora de Educação Física**

Essa categoria aqui denominada como “A inclusão na visão da professora de Educação Física” surgiu a partir de leituras realizadas por diversas vezes da entrevista feita com a professora. Um dos pontos que fica evidente a partir da fala da professora D. I. que assim a identificaremos, nos leva a compreensão que a mesma tem uma visão ampla sobre o que é inclusão e, isso se afirma na fala da própria entrevistada:

Ah eu penso que inclusão é quando você inclui todos os alunos [...] é não excluir ninguém da sociedade [...]. (D. I)

Para Soler (2005, p. 53) a inclusão deve ser entendida de uma maneira ampla.

por educação inclusiva se entende não só o processo de inclusão dos portadores de necessidade especiais ou de distúrbios de aprendizagem na

rede comum de ensino em todos os seus graus, mais fundamentalmente de todas as diferenças, pois hoje é fato que cada ser humano é uno, e as oportunidades devem ser iguais para todos. A primeira escola de todos deve ser a escola regular.

A professora demonstra que entende o que é a inclusão quando diz que é incluir todos sem excluir ninguém e como relata Soler (2005) a inclusão está na junção de todos com as suas diferenças, pois ele fala que cada um é único, e a professora com esse pensamento tenta em sua aula fazer com que todos participem cada um dentro de seus limites.

A professora demonstrou nervosismo ao ser indagada sobre sua formação inicial e aspectos referentes ao trabalho docente e a inclusão. Porém, após uma reflexão inicial, a mesma disse que na faculdade o conhecimento referente a esta temática foi realizada de maneira muito superficial. O que aprendeu sobre o trabalho com os alunos deficientes não foi o suficiente para uma prática pedagógica.

[...] eu não tive tanto embasamento é, foi uma coisa muito assim muito superficial [...] (D.I)

Porém, a mesma acrescentou que participou de cursos de formação continuada para obter mais conhecimentos sobre os alunos deficientes.

[...] então a gente foi em busca fazendo cursos que a própria secretaria promove pra gente ou então a gente vai atrás desses congressos [...] os subsídios que eu tive assim de formação mesmo foi fora da minha formação é de graduação. (D.I)

Segundo Serra (2008), é importante a formação de professores capacitados para atender os alunos com deficiência, mas o que acontece é que os professores interessados no assunto que tinha que correr atrás de se capacitar e procurar saber do assunto para trabalhar na área. A autora relata também ser muito importante a prática pedagógica adequada para tal deficiência no desenvolvimento deste aluno e isso o professor só consegue com o referencial teórico e pedagógico adequado para a área.

Quando arguida sobre dificuldades e facilidades no processo de inclusão a mesma, respondeu que dependendo da deficiência ela ainda mesmo participando de formações continuadas, possui dificuldades em realizar esse processo de inclusão. Porém, procura pensar naquele aluno no ato de planejar, e refletir se as atividades serão atingidas por todos.

[...] Então dependendo da deficiência é um pouco difícil não é fácil [...] (D.I)

A mesma disse que tenta fazer com que todos participem, procura adaptar as atividades dentro dos conteúdos trabalhados. Poderemos visualizar esta afirmativa na fala a seguir da professora:

[...] eu procuro adaptar alguma atividade, é pra eu não deixar de trabalhar certos conteúdos [...] (D. I.).

Soler (2005) apresenta que primeiro deve deixar claro que a inclusão é de todas as formas desde as deficiências físicas, intelectuais ou outros problemas, também ressalta que é importante que todos tenham a oportunidade de participar da aula. O teórico continua a afirmar que, independentemente de qual a escolha a ser feita dos conteúdos, um profissional deve sempre levar em consideração todas as dimensões a serem alcançadas pelos alunos. Devemos é claro, ter algum conhecimento específico sobre certos aspectos da deficiência.

Para Ferreira (2006) se uma pessoa que nasceu deficiente física ou que venha ser deficiente físico por um acidente ou doenças que estas não tenham a capacidade de realizar certas tarefas, lógico que terá certas restrições, mas nada que os impeça de fazer dentro dos seus limites atividades físicas com as devidas adaptações, podem fazer atividades que as pessoas "ditas normais" fazem como correr, praticar esportes, jogar basquete, entre outras atividades físicas desde que tenha um profissional responsável que tenha o mínimo de conhecimento sobre estas pessoas com deficiências, pois sabemos que mesmo as pessoas que não tenham deficiências terão certas dificuldade em realizar determinadas tarefas.

Bersch e Machado (2007) relatam que é necessário que faça uma pequena adaptação para que seja efetiva da atividade. Nesse sentido a professora considera relevante o processo de inclusão dentro do ambiente escolar e na sociedade, e a mesma oportuniza os alunos a participarem das atividades, dos jogos, das brincadeiras, contemplando-os e fazendo-os se sentirem capazes. Isso se evidencia na fala da mesma a seguir:

[...] contemplando essa criança e fazendo que ela perceba que ela é capaz, ela se sentir valorizada [...] (D.I)

A esse respeito Soler (2005) diz que o professor é que deve fazer com que o aluno com deficiência se sinta incluído na aula, pois assim, ele sentirá confiança de que é capaz.

A professora disse também que não é a primeira vez que ela tem um aluno com deficiência e que ao longo de sua carreira já passaram cerca de uns oito alunos com deficiência sendo que três eram deficiências físicas.

A professora ao ser indagada sobre a relevância de incluir o aluno com deficiência, disse de que é de extrema importância, pois ao inserir o aluno deficiente na aula, ela aprende a conviver em sociedade e também esta contribuindo para a formação de um cidadão, porque ela agora é uma criança, mas que esta aprendendo valores que servirá para a sua vida adulta.

[...] a gente esta criando um aluno que vai ser um futuro cidadão então ela entrar numa fila e saber que ela tem que esperar a vez dela [...] (D.I)

PCN (1998) diz que a concepção de cultura corporal de movimento amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de termos observado apenas um dia de aula, podemos dizer que a professora de Educação Física procura trabalhar com aulas inclusivas, a partir da nossa observação e também da entrevista que fizemos com a mesma, que soube

responder as nossas perguntas com clareza. A mesma disse que às vezes sente dificuldade em planejar uma aula que inclua todos nas atividades, mas que procura pesquisar e saber mais a respeito do assunto para que possa proporcionar uma aula prazerosa para os alunos, fazendo assim com que todos participem e se sintam acolhidos na sua aula e também na escola, sempre buscando a harmonia e o respeito entre todos, para que assim a escola como um todo possa formar um futuro cidadão que saiba viver em sociedade com as diferenças de cada um.

Acreditamos que os nossos objetivos foram alcançados, pois pudemos perceber que a professora de Educação Física trabalha com uma aula inclusiva e que também contribuímos para que refletisse a respeito do assunto, não só esta escola que nos acolheu, mas todas aquelas que passamos quando estávamos procurando uma escola que nos aceitassem para que coletássemos dados para a nossa pesquisa, pois todos que recusaram a nossa pesquisa nós explicávamos a respeito e também sobre a sua importância.

Também foi de extrema importância para nós pesquisadores, pois contribuiu com a nossa formação e também para que possamos pensar em nossa atuação profissional, sobre como seremos enquanto formadores de cidadãos.

## REFERENCIAS

BERSCH, R.; MACHADO, R. Conhecendo o aluno com deficiência física. In: SCHIRMER, C. R. et al. **Atendimento educacional especializado: Deficiência Física**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. Cap. 01, p. 15-24.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Trabalho de campo. In: \_\_\_\_\_ **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto editora , 2006. Cap. 3 p. 115- 145

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Análise de dados. In: \_\_\_\_\_ **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto editora, 2006. Cap. 5 p. 207- 241

BRASIL, M.E **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> . Acesso em 29 Nov. 2013

BRASIL, S. E. F.; **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 114p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em 27 junho de 2014.

DARIDO, S. C; RANGEL, C.A. Jogos e brincadeiras In: \_\_\_\_\_. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 165 e166.

DARIDO, S. C; JUNIOR, O. M. S. Educação física e inclusão. In: \_\_\_\_\_. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FERREIRA, V. **Educação Física, interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão**. Rio de janeiro: Sprint, 2006.

SERRA, D. Inclusão e ambiente escolar. In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. **Inclusão em educação**: culturas, políticas e práticas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 31-44.

SILVA, K. R. Expressão da criatividade na prática pedagógica e luta pela inclusão em Educação: Tecendo relações. In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. **Inclusão em educação**: culturas, políticas e práticas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 45-57.

SOLER, R. **Brincando e aprendendo na educação física especial**: planos de aula. 2ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002. Cap. I.

SOLER, R. **Educação física inclusiva na escola**: em busca de uma escola plural. Rio de Janeiro: Sprint, 2005 cap. I, III e IV.

STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. // **A Educação Física na Educação Especial**.// n. 104,/ p. 1-17. // janeiro 2007.

VOMERO, M. F. //Uma escola para todos.//**Escolas da inclusão**.// vol. 0, Nº 189/ p. 35-47.//janeiro – 2013.